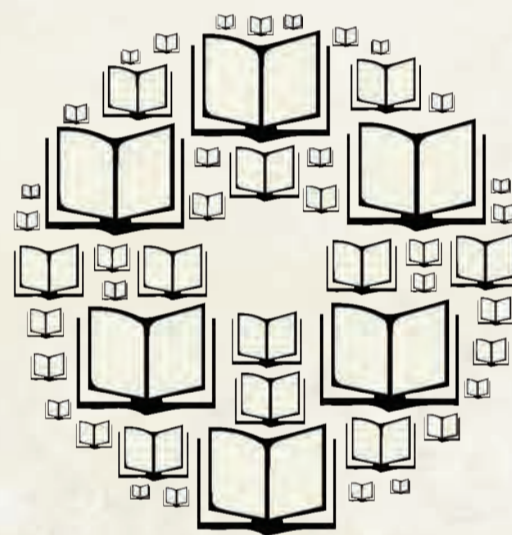
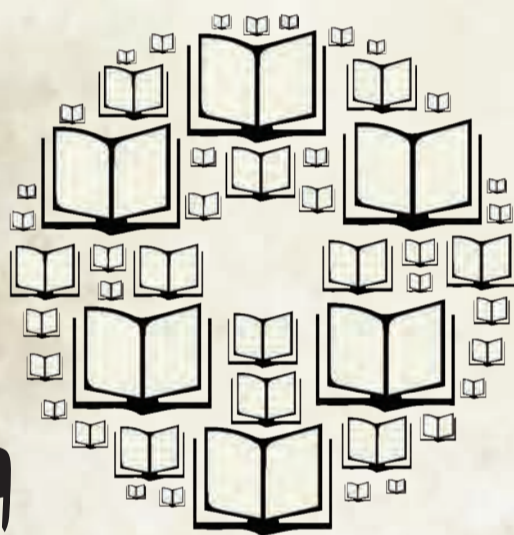


1917

2017

Parte Integrante de A NAÇÃO 533 - De 16 a 22 de Novembro de 2017 - Não pode ser vendido separadamente



CABO VERDE ASSINALA, DE AMANHÃ A SÁBADO, COM UM COLÓQUIO INTERNACIONAL, NO MINDELO, OS 100 ANOS DO SEU PRIMEIRO ESTABELECIMENTO DE ENSINO SECUNDÁRIO, O LICEU NACIONAL DE CABO VERDE (1917-1926), DEPOIS LICEU CENTRAL INFANTE DOM HENRIQUE (1926-1937), LICEU GIL EANES (1937-1975) E, FINALMENTE, LICEU LUDGERO LIMA. VÁRIAS GERAÇÕES DEIXAM, NESTE SUPLEMENTO, O SEU TRIBUTOS A ESSE ESTABELECIMENTO DE ENSINO QUE AJUDOU A MOLDAR A HISTÓRIA DESTES ARQUIPÉLAGO.

1 século a semeiar conhecimento

A força de uma ideia

» Há 100 anos, a 21 de Novembro de 1917, um grupo de 31 alunos, dez dos quais do sexo feminino, dava início ao ensino liceal público em Cabo Verde. O Liceu Nacional de Cabo Verde em São Vicente, ganhava assim corpo e vida, realizando o desejo de várias gerações que, cedo, viram no ensino público e republicano o meio para ajudar a desenvolver estas ilhas.

José Vicente Lopes

Cabo Verde, a par de Angola no ano seguinte, tornava-se uma das primeiras colónias do então império português a possuir esse nível de ensino. Moçambique só terá o seu liceu 35 anos depois, em 1952, e a Guiné em 1958. No caso deste arquipélago, até então, tirando o Seminário de São Nicolau, fundado em 1866, apenas as famílias abastadas podiam mandar os filhos ir estudar a Portugal.

Cabo Verde, a par de Angola no ano seguinte, tornava-se uma das primeiras colónias do então império português a possuir esse nível de ensino. Moçambique só terá o seu liceu 35anos depois, em 1952, e a Guiné em 1958. No caso deste arquipélago, até então, tirando o Seminário de São Nicolau, fundado em 1866, apenas as famílias abastadas podiam mandar os filhos ir estudar a Portugal.

O Liceu Infante D. Henrique surgia, pois, como o corolário de uma reivindi-

cação antiga, de gerações, em prol de um ensino secundário público na então província portuguesa de Cabo Verde. Ao discursar, aliás, a 19 de Novembro de 1917, no Mindelo, no acto inaugural do Liceu, o então governador Abel Fontoura da Costa destaca, precisamente, o facto daquele estabelecimento surgir como uma "aspiração íntima dos naturais de Cabo Verde", sem deixar contudo de sublinhar que "esse ambicionado desejo de há longos lustros" ser "hoje uma realidade", em parte, devido ao empenho pessoal e político do senador Augusto Vera-Cruz.

Segundo Fontoura da Costa, "com uma dedicada pertinácia de quatro anos", Vera-Cruz conseguiu que "o Parlamento da República Portuguesa", em Lisboa, "votasse a lei nº 701", de 13 de Junho de 1917, criando o liceu de Cabo Verde. Este surgia com seis professores e dois "mestres", que iriam ministrar uma dezena de cadeiras, tendo como seu primeiro reitor o capitão-médico António Augusto da Veiga e Sousa. O liceu tinha duas vias, uma geral e

outra profissional.

República

Antes do Liceu de São Vicente, a primeira tentativa de se criar um estabelecimento de ensino secundário e público, o Liceu Nacional da Praia, aconteceu em 1846, mas por pouco tempo. Isto é, uma vez criado, foi deixado à inanição até fechar as portas ao fim de três anos, sem dinheiro sequer para pagar os três professores do seu quadro docente. Foi também por essa altura que surgiu, em São Nicolau, o seminário que tem melhor sorte, tendo em conta a entidade que estava por trás dele, a Igreja Católica.

Até então, além da instrução primária (ou "primeiro grau", de quatro classes), o "segundo grau" do ensino estava a cargo do Seminário de São Nicolau, que funcionava como escola de formação de padres e uma outra como "liceu" para estudantes que não quisessem seguir a vida eclesástica. Entretanto, com a proclamação da república em Portugal, a 5 de Outubro de 1910, o ensino torna-se ex-

clusivo do Estado e Cabo Verde não fugia fugiu à regra, pese embora o inestimável contributo do Seminário de São Nicolau para a formação de várias gerações de quadros cabo-verdianos.

O advento da república, que em Cabo Verde teve paladinos como Luiz Loff de Vasconcellos, António Corsino Lopes, José Lopes, Eugénio Tavares, Pedro Cardoso, Abílio Macedo, para citar apenas estes, torna o ensino público uma prioridade cabo-verdiana. Desse naipe, Tavares é, muito provavelmente, aquele que mais bate nessa tecla nos seus escritos, nomeadamente, em jornais, insistindo amiúde na educação como um dos meios para a libertação dos cabo-verdianos do obscurantismo. E é nesse contexto que surge, em São Vicente, um liceu moderno, de ensino laico e republicano, com o nome de Liceu Infante D. Henrique.

E porquê São Vicente e não outra ilha, nomeadamente, São Nicolau onde já existia o Seminário, ou Santiago, no caso a Cidade da

Praia, onde estava a capital da província e onde tinha havido a tentativa frustrada do primeiro liceu, sendo esta também a ilha mais populosa do arquipélago?

Lobby do Senador Vera Cruz

Adriana Carvalho, 69 anos, autora de "O Liceu em Cabo Verde, Um imperativo de cidadania (1917-1975)", entende que por trás dessa decisão pesou, acima de tudo, o lobby encabeçado pelo Senador Augusto Vera-Cruz.

"A decisão de se criar o Liceu em São Vicente não foi muito pacífica", diz ao A NAÇÃO Adriana Carvalho, professora de História, antigo quadro técnico do Ministério de Educação, hoje na reforma. Para todos os efeitos, acrescenta, "em São Nicolau já existia o Seminário (portanto, o problema das instalações não se punha), e em Santiago tinha havido uma experiência efémera de um liceu, no século XIX, onde estava a capital da colónia, além do facto de ser a ilha mais populosa de Cabo



Correio e Liceu, S.



Adriana Carvalho

Verde, pelo que essas duas ilhas eram também lugares que pretendiam receber o liceu".

"São Vicente ganha devido à pró-actividade das suas forças vivas, em especial do senador Vera-Cruz. Ele resolveu o problema do 'espaço condigno' para situar o liceu, colocando a residência dele à disposição, ninguém mais fez isso. E este acabou por ser um factor determinante, porque resolveu o problema de logística, que se colocava na altura, quer o liceu fosse fixado na Praia, quer no Mindelo. São Nicolau, por ser um meio muito rural, e tendo há muito deixado de ser a capital do bispado e também de Cabo Verde, acabou por ser posta de lado. Convinha, qual sinal dos tempos, que o liceu fosse num centro urbano, ou seja, Mindelo ou Praia".

Porém, "ao contrário de São Vicente, as forças vivas de Santiago (Praia e São Domingos, sobretudo) não se organizaram de forma eficaz para trazer o liceu para aqui", prossegue aquela a investigadora. "O próprio processo de se instalar o liceu em Santiago é mo-

roso, só acontece em 1960, com a instalação do Liceu Nacional Adriano Moreira, hoje Domingos Ramos, não obstante, ser algo prestigioso ter um liceu numa capital.

No fundo, para Carvalho, fenómenos do género têm a ver com a história do "desenvolvimento das cidades". No caso do Mindelo, "o liceu torna-se não só uma necessidade, como também, uma vez aí estabelecido, um polo importante de desenvolvimento da ilha, não só pelo prestígio cultural e social, mas também pelo número de alunos, em grande parte oriundos de outras ilhas, que passa a atrair".

Quanto à tentativa de se fechar o liceu em 1937, recorda também, deveu-se ao facto de o Estado Novo (1926-1974), ao contrário da I República (1910-1926), não ter especial apreço pelo ensino secundário, sendo, antes, defensor do ensino técnico ou profissional, considerado mais adequado para as colónias.

"Na verdade, ao longo dos tempos, tinha havido várias outras tentativas de se fe-

char o liceu de Cabo Verde, ou então reduzir a sua importância, optando-se por um liceu sem o curso complementar, por exemplo. Em 1937, mal a notícia do encerramento do liceu chega a São Vicente, no curto espaço de cerca de um mês, o que hoje chamamos de "sociedade civil", mobiliza-se, em Cabo Verde e em Portugal, mas também nos EUA, e insurge-se contra a decisão e, por causa disso, o liceu é reaberto, agora com o nome de Liceu Gil Eanes".

Qualquer que tenha sido a razão do recuo de Lisboa, Carvalho classifica de "muito corajosa" a mobilização dos cabo-verdianos na defesa do seu liceu, tendo em conta que o Estado Novo não era muito dado a esse tipo de "expressão" e muito menos de "pressão" popular. "Em 1937, a ditadura de Salazar estava já fortemente implantada, a polícia política muito temida, mesmo assim, os cabo-verdianos mobilizaram-se contra o encerramento do seu liceu, tendo à frente desse movimento o deputado Adriano Duarte Silva", que antes fora reitor e professor do Infante Dom Henrique.

Esse levantamento, no dizer daquela investigadora, atesta que a questão do ensino cedo mobilizou os cabo-verdianos, que viram

na educação formal um importante meio de ascensão ou de mobilidade social. "Nas minhas investigações colhi depoimentos de pais e encarregados de educação, mães principalmente, dos sacrifícios que tinham de fazer para financiar os estudos dos filhos, e é preciso ver que a vida, naquele tempo, não era nada fácil. Em 1967, numa aula magna, para marcar a mudança do liceu para as suas instalações no Monte Sossego, o então reitor do 'Gil Eanes', Baltasar Lopes da Silva, refere-se precisamente a isso, 'à mobilidade vertical', que, segundo ele, 'facilita sobremodo a promoção social, sem desfasamentos, tantas vezes dolorosas que acompanham o fenómeno'."

Batalha ganha

Numa palavra, o sentimento de que o ensino é importante é algo que perdura até hoje, em Cabo Verde diz Adriana Carvalho. "Neste sentido, não tenho dúvidas em dizer que a educação, em Cabo Verde, é uma batalha ganha", entende, "há sim que cultivar o rigor, e uso esta palavra, rigor, sem qualquer conotação autoritária. Prefiro o termo rigor à excelência. Pessoalmente, quando oiço alguém a falar em 'ensino de excelên-

cia', fico logo arrepiada. O rigor, quanto a mim, não é incompatível com ousadias pedagógicas, isto porque, no ensino moderno, já não há nada para inventar. Os modelos de ensino, hoje em dia, estão globalizados; por isso, falar de modelo sueco, modelo finlandês, japonês ou o que quer que seja, para mim, não quer dizer nada. Precisamos, sim, de um ensino com qualidade, e isso só é possível com rigor".

Enfim, olhando para os 100 anos do "Liceu de Cabo Verde", Adriana Carvalho acredita que a sua criação em 1917, "cumpru o desígnio" que ditou a sua criação, abrindo, neste século de existência, portas para o ensino que se tem hoje nestas ilhas. "Parafrazeando Teixeira de Sousa, que foi aluno em São Vicente, o Liceu foi 'o farol do futuro de Cabo Verde'. E oxalá, hoje, através dos várias escolas secundárias espalhadas pelo país, mas também das universidades, continue a sê-lo", conclui. ☺

ALGUMAS FONTES

O Liceu em Cabo Verde, um imperativo de cidadania, Maria Adriana Sousa Carvalho, Edições UNI-CV, Praia, 2011.

Mindelo d'outrora, Manuel Nascimento Ramos, Mindelo, 2003.

Comemorações do 75º aniversário da criação do Liceu de Cabo Verde, Lisboa, Outubro - Novembro de 1992

» Várias gerações de alunos e professores deixam, aqui, o seu tributo aos 100 anos do Liceu Nacional Infante D. Henrique-Gil Eanes-Ludgero Lima. E, neste exercício de memória colectiva e individual, não faltam, também, algumas curiosidades.

Liceu, um olh



Grupo de ginastas do "Infante D. Henrique", em 5 de Junho de 1937 - D. Zinha (em baixo) é a quinta a contar da esquerda...

TESTEMUNHOS

José Vicente Lopes e Jason Fortes

Zinha, o mais antigo testemunho

Com 98 anos, Joana Maria Lopes da Silva é, certamente, das mais antigas alunas do primeiro liceu de Cabo Verde, ainda entre nós. Dona Zinha, como é conhecida, frequentou o 'Infante D. Henrique', nos anos trinta do século passado, um tempo em que os rapazes e as raparigas faziam recreio separadamente, para não se envolverem, conforme a moral em vigor.

Natural de Santo Antão, viúva do estomatologista Aníbal Lopes da Silva, D. Zinha recorda que chegou ao liceu quando este ainda se chamava Infante D. Henrique e lembra-se da luta que foi para que, em 1937, o mesmo não fosse encerrado, como chegou a ser decretado, a partir de Lisboa. "A luta para reerguer o estabelecimento foi algo medonho", diz, referindo-se a Adriano Duarte Silva, Filinto

Martins ou, ainda, ao médico Francisco Regala, como alguns protagonistas dessa gesta.

Na década de trinta, sendo Cabo Verde uma colónia de Portugal, a maior parte dos professores eram "metropolitanos". De alguns deles esta testemunha guarda gratas recordações, principalmente dos poucos que eram cabo-verdianos, caso de Baltasar Lopes da Silva e António Aurélio Gonçalves. "Fui aluna do Dr. Baltasar e, tal como muitos outros, cheguei a levar algumas descomposturas dele. Mas, de um modo geral, dávamo-nos muito bem, porque, além de professor, ele era um bom amigo e eu não era má aluna".

A par de Nhô Balta, a convivência com "Nhô Roque" foi mais curta, mas também marcante. Isto porque, como reconhece esta entrevistada, parte dos conheci-

mentos do português que diz possuir foram adquiridos com ele.

Quando Dona Zinha ingressou no secundário, tinha ela entre 12 e 13 anos, numa época em que a linha que impunha a separação entre raparigas e rapazes no pátio do recreio, era transposta mal surgisse a oportunidade. Aliás, do convívio desse tempo de estudante restaram amizades que se prolongaram no tempo. É o caso de Henrique Teixeira de Sousa, médico e escritor, autor, entre outros, do romance "Ilhéu de Contenda", aluno também do 'Infante D. Henrique'. "Sempre houve rapazes na minha turma. Fui colega e amiga do Teixeira de Sousa, do primeiro ao sétimo ano do Liceu".

Dona Zinha deveria ter prosseguido com os estudos superiores, após a conclusão do ensino secun-



dário. Mas, muito por força do casamento com Aníbal Lopes da Silva, tal acabou por não acontecer. "Com 23 anos, casei-me com o Aníbal, tivemos dois filhos, daí eu não ter seguido para a universidade, em Portugal".

Quando solteira, a nossa entrevistada dava explicações de português, principalmente, a crianças descendentes de ingleses que, na altura, residiam em São Vicente.

Hoje, a idade já não per-

mite a esta entrevistada acompanhar os acontecimentos que vão tendo lugar em São Vicente e noutros pontos do país. Mas a sua percepção é de que o ensino atingiu outros patamares e a existência de universidades, em Santiago e em São Vicente, é prova disso. No seu caso, continua a sentir-se tributária do "velho liceu", que, no seu tempo de estudante, se chamava-se Infante D. Henrique.

Mar de gerações

Vicente Gomes, "O liceu era para poucos"

Vicente Gomes, 81 anos, natural de São Vicente e funcionário aduaneiro na reforma, com passagem pela Guiné e, hoje, residente na cidade da Praia, recorda que no ano lectivo em que entrou para o Liceu Gil Eanes, em 1948-49, a sua turma era constituída por 45 alunos, sendo ele, Vicente, precisamente o número 45.

"Entre com 12 anos e saí com 19 do liceu. Éramos duas turmas. Naquele ano, como houve um número grande de inscitos, separaram os rapazes das raparigas, mas depois voltaram a juntá-los. Independentemente do sexo, havendo duas turmas, a turma A reunia os melhores alunos, ficando os restantes na turma B. Os alunos vinham de todas as partes de Cabo Verde. Eu era da turma A".

A vida, recorda também, não era fácil, mormente naquela década fortemente marcada por uma prolongada seca, que ajudou a acentuar a miséria instalada então. "Não eram todas as famílias que podiam colocar os filhos na escola e muito menos no liceu", diz, sublinhando, "mesmo para quem vivesse em São Vicente. Com sorte, fazia-se a instrução primária de até à quarta classe e o sujeito ficava preparado para a vida".

No seu caso, como revela, estudar foi uma decisão consciente dos pais. "O meu pai, Norberto Gomes, na altura, era professor primário em São Nicolau, mais tarde, depois de prosseguir os seus estudos, é que ele vem a ser professor no Liceu Gil Eanes, até depois da independência. Mas mesmo a minha mãe, em São Vicente, tudo fez para que eu fosse à escola e depois ao liceu".

No seu caso, Vicente Gomes teve a sorte de ir até



ao sétimo ano, numa altura em que o secundário era constituído por três ciclos, o primeiro, o ciclo preparatório (dois anos), o segundo ciclo ou curso geral (três anos) e, por fim, o ciclo ou curso complementar (dois anos, ou seja, o sexto e o sétimo anos), o que corresponde hoje ao décimo segundo ano de escolaridade. "Para ingressar no ciclo preparatório, o aluno tinha primeiro de fazer a prova de admissão", prova essa que perdura até aos anos sessenta.

Com o sétimo ano feito, aos 19 anos, Vicente Gomes começou a ganhar a vida como explicador, preparando alunos externos para os exames finais, ingressando, depois, no funcionalismo público, no que acaba colocado na Guiné, como quadro aduaneiro.

Dos seus sete anos no 'Gil Eanes', Vicente Gomes destaca o "ambiente" no e à volta do liceu. "No geral, a nossa vida era feita à volta do liceu, mas também do cinema, do teatro, do desporto... Tudo isso teve um grande peso na

nossa formação académica e pessoal, uma formação que nos acompanharia para o resto da vida".

Os professores, quer os cabo-verdianos, quer os portugueses, como também os indianos, casos de Luiz Terry e Tertuliano Cabral eram tidos como figuras de referência. "Tive como professores Adriano Duarte Silva, num ano em que ele foi eleito deputado, no que é substituído por António Aurélio Gonçalves. Também fui aluno de Terluliano Cabral, Nuno Moraes, Antero Barros... Baltasar Lopes da Silva, infelizmente, não tive a sorte de o ter como professor".

Desses mestres, este entrevistado destaca António Aurélio Gonçalves. "Ele foi meu professor do primeiro ao sétimo anos, ora de História, ora de Francês, ora de Filosofia. É difícil dizer em qual dessas disciplinas ele era melhor. Mesmo assim, acho que em História ele era insuperável, sobretudo quando o assunto era a Revolução Francesa; além das aulas, ele incentivava-nos a ler, a pro-

curar saber mais por nossa própria conta".

Uma outra referência, ainda no dizer desta fonte, foi o professor Daniel Leite, o primeiro cabo-verdiano a formar-se pelo INEF (Instituto Nacional de Educação Física), que vai "revolucionar" o desporto no liceu e em São Vicente. "Com Daniel Leite, o Liceu tornou-se palco de grandes exposições de ginástica. Um dos alunos dele que se vem a destacar é o Jorge Humberto, hoje médico reformado em Macau, que, em Portugal, torna-se estrela da Académica de Coimbra, indo jogar depois no Inter de Milão, onde ganha muito dinheiro. Um dia, comigo já na Guiné, recebo uma carta dele a comunicar-me: 'Tchenta, eu já tenho o meu Fiat Milcento!', querendo com isso dizer que estava muito bem da vida, ao ponto de se oferecer para financiar os meus estudos em Coimbra, caso eu aceitasse..."

Sendo o ensino acessível a poucos, sobretudo por razões financeiras, ser aluno do 'Gil Eanes' era quase per-

tencer a um mundo à parte, antecâmara para o quadro administrativo no contexto colonial de então. Mas nem todos conseguiam chegar ao fim. "De uma turma de 45 alunos no primeiro ano, em 1948/1949, quando terminei, em 1956, éramos apenas 18, dos quais duas raparigas, a Maria Cândida Vitória e a Alcina Beatriz Spencer Lopes", salienta.

Julieta Modesto, aluna externa

Quem também passou pelo Gil Eanes, no seu caso como aluna externa, é Julieta Modesto, mulher de 'Tchenta', como ela chama o marido, Vicente Gomes. Natural de Santo Antão, Ribeira Grande, como vários outros jovens, era preparada pelo professor Agostinho Rocha. "Ele dava-nos todas as disciplinas; uma vez preparados, íamos prestar provas como alunos externos no Liceu Gil Eanes".

E nisso, Julieta Modesto foi até ao quinto ano. "As mulheres naquele tempo estudavam, praticamente, só para dizer que tinham estudos". Não foi o seu caso, como trata de demonstrar. "Trabalhei como chefe de brigada de estradas em Santo Antão, fui professora primária..."

E foi numa das suas deslocações a São Vicente, para prestar provas, é que acabou por conhecer Vicente, tornando-se namorados e, depois, marido e mulher. "Aconteceu em 1956, quando fui fazer o exame do segundo ano do ciclo preparatório, numa altura em que o Tchenta já tinha deixado o liceu, ele já trabalhava. Casámos em 1961 e fomos, depois, para a Guiné, onde também trabalhei. Temos quatro filhos, três netos, estamos juntos até hoje".



TESTEMUNHOS

Francisco Monteiro, período marcante

Francisco Monteiro, 57 anos, engenheiro radiotécnico e quadro da RTC, estudou em São Vicente, entre 1973 e 1980, do ciclo preparatório ao curso complementar dos liceus, seguindo depois para a União Soviética, como bolseiro. Natural de São Salvador do Mundo, Santiago, feita a instrução primária, mudou-se para a ilha do Porto Grande, junto de um irmão, na altura, militar e depois comerciante da baía.

“Éramos dez irmãos de uma família de camponeses, eu era o oitavo. Cedo o meu pai me avisou: ‘Ou enxada ou estudar na Escola da Variante’, em São Domingos, onde havia um curso para professores primários, mas esta só recebia alunos depois dos 14 anos, e eu só tinha 12. Uma outra alternativa era o Seminário Diocesano de São José na Praia”.

A solução, diz Chico, foi aceitar uma promessa antiga do irmão mais velho, Aníbal Monteiro, de que caso fizesse a primária poderia ir estudar em São Vicente, junto a ele. “Nós morávamos em Espia, por isso fiz o ciclo preparatório na Escola Técnica, mas, ao contrário da maioria dos meus colegas, para o curso geral, preferi o Liceu Ludgero Lima”.

As instalações modernas, o ambiente e o sonho de ir além do quinto ano do curso geral foram as razões que pesaram na balança de Francisco Monteiro. “O meu irmão ainda insistiu para que eu continuasse na Escola Técnica, mas lá acabou por aceitar a minha vontade. A minha ideia era terminar o liceu e ir para a Medicina, mas infelizmente não deu”.

Monteiro considera esse período da sua vida como sendo “extraordinariamente interessante” e, ao mesmo tempo, “muito importante”

Francisco Monteiro, em baixo coral do Liceu Ludgero Lima: Tonga, Jorge Tolentino e Fausto do Rosário.



para a sua formação pessoal e política. Adolescente, o 25 de Abril, o período de transição e a independência de Cabo Verde encontramo-nos em São Vicente, no que acaba também por ver-se “mobilizado”, no seu caso, através das actividades no Liceu Ludgero Lima.

“Havia no liceu estudantes de várias ilhas. De um modo geral, a convivência entre nós era muito boa, fiz grandes amizades que perduram até hoje. Alguns professores tinham uma especial atenção para com os alunos que iam de outras ilhas. Eles sabiam dos sacrifícios que os nossos pais faziam para dar formação. Lembro-me do Norberto Gomes a dar-me conselhos para não deixar de me dedicar aos estudos”.

“Em termos de meio envolvente, Mindelo era mais evoluído do que aquele do qual saí, São Salvador do Mundo; basta dizer que, praticamente, só vim a conhecer a cidade da Praia depois de estar em São Vicente. Na Escola Técnica, eu era o único aluno de Santiago; mesmo assim, nunca tive



problemas, era bom aluno, jogava bem à bola, isso talvez tenha ajudado a minha integração. Por vezes, vejo colegas do interior de Santiago a contarem o que passaram na Praia e eu dou-me conta de que, em São Vicente, não tive os problemas que eles relatam. Havia, é certo, um certo gozo, a brincadeira, mas não mais que isso. No meu caso, basta dizer que um dos meus melhores amigos era de Santo Antão, João Pires, da Ribeira Grande. Eu e ele praticamente repartíamos tudo o que recebíamos dos nossos

familiares”.

Uma outra grata experiência foi a sua passagem pela JAAC-CV, organização juvenil do PAIGC/CV. “Através da JAAC, nós chegámos a agitar o liceu, mas um agitar no bom sentido do termo. O liceu era palco de várias actividades, desportivas, culturais, etc. Eu estava ligado à secção desportiva e cultural, do nosso grupo faziam parte o Tonga [António Delgado], o Jorge Tolentino, o Jorge Soares, o Ilídio Cruz, o Fausto do Rosário... Além de torneios, havia sa-raus culturais; lembro-me

do Benfeito Mosso Ramos, a tocar violão com outros elementos, do Arlindo Ramos, que era muito bom a jogar damas... Num ano, houve um concurso de cultura geral, ‘Quem sabe, sabe’, que chegou a encher o ginásio, com claques organizadas. É depois disso que a JAAC organiza um célebre concurso literário, fez-se até um encontro de jovens escritores, uma coisa absolutamente inédita em Cabo Verde... Portanto, sem dúvida, foi um período marcante, bons tempos aqueles”, conclui Francisco Monteiro.

Manuela Fonseca, “Devo toda a minha formação ao Liceu Gil Eanes”

Manuela Fonseca, 78 anos, é filha de um prestigiado e já falecido médico, José Duarte Fonseca, que, durante largos anos, foi o único cirurgião em Cabo Verde. Com 11 anos, ingressou no Liceu Gil Eanes, na década de cinquenta, numa altura em que a presença feminina nesse estabelecimento já era bastante significativa. Tanto assim que a sua era uma turma só de meninas.

Hoje, e quando o liceu de São Vicente completa o primeiro século de existência, as palavras escasseiam a Manuela Fonseca para se referir ao enorme orgulho de ter aprendido os primeiros fundamentos do francês com Baltasar Lopes da Silva

ou também a aprendizagem do português com a professora Maria de Jesus.

“Tive professores marcantes e, sem dúvida, o que me marcou mais foi o Dr. Baltasar Lopes da Silva. Foi com ele que me iniciei na língua francesa. Lembro-me também da professora Maria de Jesus, que era uma portuguesa que nos ensinava o português na altura, no meu caso, já no terceiro, quarto e quinto anos”.

Foram seis anos no Gil Eanes, isto porque quando entrou para o sexto ano, Manuela Fonseca viu-se “obrigada” a ir estudar em Portugal, onde completou o sexto e o sétimo anos, ingressando em Direito, na Universidade de Lisboa, curso que não concluiu. Como diz, “ainda novinha”, casou-se e teve filhos, regressando a Cabo Verde, antes de rumar



para Angola, até regressar definitivamente ao país natal.

Manuela Fonseca trabalhou na antiga Rádio Barlavento, mais tarde Rádio Nacional, de que foi directora

nos anos noventa. Para ela, celebrar o centenário do Liceu Infante D. Henrique-Gil Eanes-Ludgero Lima “faz todo o sentido” pelo papel que esse estabelecimento de ensino teve na forma-

ção de várias gerações de cabo-verdianos. “Devo toda a minha formação ao liceu, em todos os sentidos. Foi onde cresci e passei os anos de adolescência”, conclui.

Longevidade torna “Ludgero Lima” referência aos olhos dos estudantes

» *O século de história que carrega torna o actual Ludgero Lima uma escola secundária de referência na ilha de São Vicente e não só. Aos olhos dos seus estudantes o marco não passa despercebido e justifica a sua escolha como estabelecimento de ensino.*

Rui Orlando completa, em Dezembro, 17 anos, dois dos quais com o uniforme branco e cinzento do Liceu Ludgero Lima. Os seus primeiros quatro anos no ensino secundário, foram na Escola Salesiana de Artes e Ofícios. Tradicionalmente, quando ainda não havia o 11º e 12º anos nessa escola da Igreja Católica, a maioria dos seus estudantes prosseguia os estudos no Liceu Ludgero Lima.

Mas, com Rui, a história foi outra. Mesmo tendo a oportunidade de se manter nos Salesianos, decidiu rumar ao LLL. Questionado, não hesitou na resposta: “Este é um liceu com muita experiência, boas

referências e bons professores. O facto de os meus pais terem também estudado aqui influenciou e muito, a minha escolha”.

Rui é da área de humanística, ou seja, das letras e das ciências sociais. Isso explica o facto de ter um gosto peculiar pela poesia, como deixa transparecer. Aliás, aquando da nossa conversa, ele acabava de sair de um ensaio para uma declamação de poemas.

Para o futuro, o jovem diz querer seguir os estudos superiores na área de Direito, já a partir do próximo ano. O centenário do Liceu representa para ele um século de glória e tem um enorme signifi-

Rui Orlando



cado para Cabo Verde e São Vicente em particular.

Por sua vez, Joyce teve neste ano lectivo (2017/2018), o seu primeiro contacto com o ensino secundário. Tem 12 anos e mora em Fonte de Francês. Diz ter escolhido o LLL porque já tinha aí muitas amigas e também porque os seus professores têm boa reputação em São Vicente.

A nossa jovem entrevistada destacou a boa relação com a sua professora de lín-

Joyce



gua francesa, um estimulante para as suas boas notas nessa disciplina.

“Não digo que sou óptima aluna, mas também não sou das piores. A minha disciplina preferida é o francês, muito porque é nela que tenho as melhores notas”, argumenta.

A sua tenra idade é a justificativa mais plausível para o seu desconhecimento do grande parte da história do estabelecimento, mas não do seu significado.

“Sei que é das mais antigas escolas secundárias de Cabo Verde e que agora completa 100 anos. O que posso dizer é que se trata de uma importante data histórica”, refere.

Os planos para o futuro de Joyce passam, sobretudo, pelo desejo de um dia se tornar numa modelo profissional. No seu “book” haverá de constar, certamente, que passou pelo Liceu Ludgero Lima.

JF

LICEU GIL EANES:

Liceu Gil Eanes, um “v

» A criação do Liceu de São Vicente viria a ter um papel importante para o surgimento de um movimento nacionalista que acabou por desembocar na independência de Cabo Verde. Constatação de Amiro Faria e Luís Fonseca, duas testemunhas vivas, que transitaram pelos corredores do ‘Gil Eanes’ entre as décadas de 50 e 60 do século passado, acabando por ingressar, depois, na militância do PAIGC..

Jason Fortes

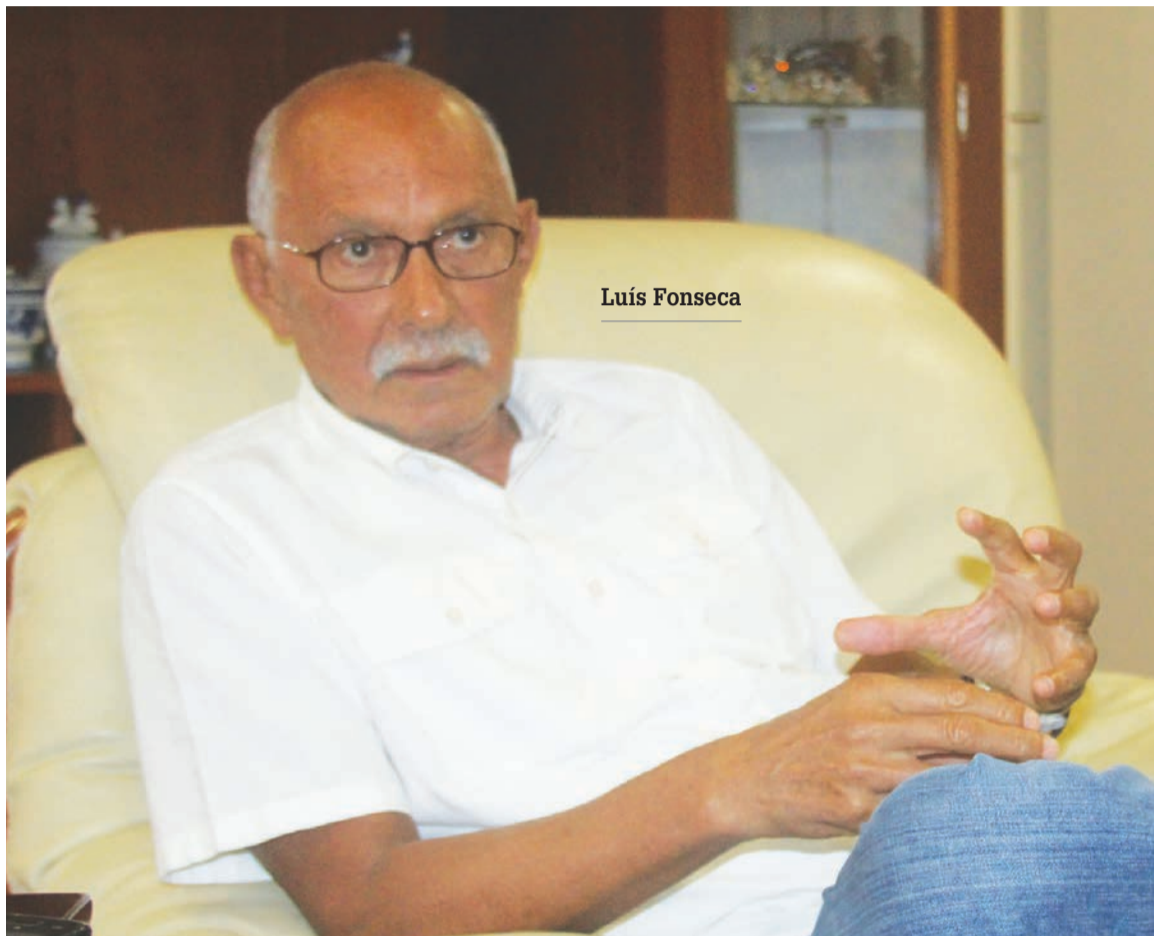
Na década de cinquenta do século passado, Cabo Verde vivia o que se pode chamar de período duro do colonialismo português. A entrada para o ensino secundário ainda só era possível em São Vicente, através do Liceu Gil Eanes – o Liceu Adriano Moreira, na Praia, só começaria a funcionar em 1962. E, por causa disso, estudantes de várias ilhas continuavam a demandar Mindelo para os seus estudos secundários. Aqui chegados, a principal preocupação da grande maioria era estudar, ter bom aproveitamento, na expectativa de uma bolsa de estudo, coisa rara, ou então, através de um emprego, singrar na vida. Professores como António Aurélio Gonçalves, Baltasar Lopes da Silva, Antero Barros, entre outros, pelo seu exemplo e dizeres nas aulas e não só, iam cultivando nos alunos uma “certa” ideia da caboverdianidade, o que seria traduzido, por muitos deles, como a necessidade da luta pela independência nacional.

Amiro Faria, 76 anos, e Luís Fonseca, 73, são duas tes-

temunhas vivas desse período específico do Liceu Gil Eanes. Faria nasceu na Brava, veio para São Vicente aos cinco meses, ao passo que Fonseca, natural de Santo Antão, veio adolescente. No seu caso para, precisamente, cursar o secundário, que não existia na sua ilha natal.

Essa foi também a altura em que, vindo da Guiné, ligado ao PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde), Abílio Duarte desembarcou em São Vicente para concluir os seus estudos liceais e, ao mesmo tempo, se possível, criar um núcleo nacionalista. Um outro exemplo, não menos notório, foi o de José Leitão da Graça, que interrompeu os estudos de direito em Portugal e veio com a mesma intenção de Duarte, mas enquanto membro da UPICV (União do Povo das Ilhas de Cabo Verde), rival do partido de Amílcar Cabral.

“Os movimentos pró-independência começaram a surgir eu ainda estava no Liceu, quando o Abílio Duarte, que era muito mais velho do que nós, apareceu a querer formar um núcleo independentista”, recorda Amiro Faria. Este conta também que, ao



Luís Fonseca

contrário de Leitão da Graça, Abílio tinha um método muito perspicaz, discreto, isto é, “sem falar abertamente de política, mas sim da cultura, do civismo e das coisas públicas, foi-nos mobilizando...”

Este é, também, o período em que, influenciado por Abílio e pelo irmão deste, Manuel Duarte, na altura procurador-delegado da República em São Vicente, no Liceu, o “Boletim dos Alunos do Liceu Gil Eanes”, que tem entre os seus membros Rolando Martins e Felisberto Vieira Lopes, contando para isso com o beneplácito do reitor Baltasar Lopes da Silva.

Amiro Faria conclui os estudos liceais em 1959 e segue para Portugal, onde se forma em electromecânica. Entretanto, conforme refere, desde 1958 já estava activo em acções reivindicativas. A tal ponto que, por causa disso, o seu nome passaria a constar dos cadastros da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). De volta a

Cabo Verde, de novo em São Vicente, diz que pouco faltou para ser preso. “Em Cabo Verde, fui altamente perseguido e com ameaças de prisão. Graças ao governador Sacramento Monteiro, não fui parar à cadeia”, diz.

Luta armada na Guiné

No início dos anos sessenta, com o início da guerra em Angola e depois, em 1963, na Guiné, a luta clandestina em Cabo Verde acabou, também ela, por ganhar forma e algum dinamismo. Até porque, ainda que proibido, o que se estava a passar no espaço colonial português, com a ameaça de mobilização militar, era assunto que acabava por constar da ordem do dia dos jovens cabo-verdianos. Por outras palavras, apesar da censura, as notícias da luta anticolonial iam chegando, sobretudo, através de “manutenhas” a partir de Dakar, ou da escuta da Rádio Libertação, do PAIGC, recorda Luís

Fonseca.

“Por causa da participação de cabo-verdianos na luta na Guiné, começávamos a dar-nos conta, por exemplo, de Amílcar Cabral ou Aristides Pereira, irmão do meu padrao Marino Pereira. Ainda eram informações muito vagas, mas, pouco a pouco, fomos sabendo de pessoas conhecidas, amigas ou antigos colegas nossos do liceu, que estavam na luta. De vez em quando, vinham pessoas de Dakar que traziam algumas informações, um ou outro panfleto do PAIGC para distribuir. Tudo isso acabou por nos influenciar”.

O ano de 1963 marca, igualmente, o término dos estudos liceais por Luís Fonseca. Pelo meio ficava uma ligação com o “Gil Eanes”, que vinha desde 1955, mas que havia sido interrompida em 1961. Nesse ano em particular, o pai, na Brava, com receio das influências políticas e “más companhias”, enviou-o para a cidade da Praia, para

"Primeiro" de nacionalistas



Amiro Faria

aqui continuar os estudos no Liceu Adriano Moreira.

"O resultado foi exactamente o contrário daquilo que ele pretendia", diz esse entrevistado. "Na Praia acabei por me envolver com outros colegas, também eles preocupados com a situação da nossa terra. Mas, formalmente, só entrei para o PAIGC em 1965. Na altura, eu, o Carlos Reis e o José Duarte criámos um grupo de acção. Até já tínhamos sido incomodados pela PIDE, por causa do primeiro processo político que houve em Cabo Verde, quando vários jovens foram presos, acusados de preparar uma acção revolucionária na Praia". Acabaria por conhecer a prisão do Tarrafal, juntamente com Lineu Miranda, Carlos Dantas Tavares e Jaime Scofield. "O director da prisão era o célebre Dadinho Fontes, um cabo-verdiano muito cioso do seu papel", afirma.

Papel do Liceu

Hoje, a propósito do centenário do primeiro liceu de Cabo Verde, de forma quase que unânime, os dois entrevistados reconhecem um papel muito particular desse estabelecimento de ensino para a construção de Cabo Verde, cumprindo assim o seu desígnio fundador em 1917, o de ajudar a formar quadros. Esse contributo deu-se nos mais variados sectores, entende Luís Fonseca. Por exemplo, diz, "a necessidade de todos os funcionários públicos e empregados do comércio terem que ter uma passagem quase que obrigatória pelo liceu, ou então pela Escola Técnica, ajuda a sustentar esta tese".

Amiro Faria, por seu turno, relaciona o Liceu Gil Eanes directamente com factos decorridos ao longo da luta pela independência nacional. "Boa parte dos dirigentes do PAIGC, nomeadamente os oficiais de artilharia, na Guiné-Bissau, eram cabo-verdianos saídos desse liceu", argumenta.

Nos anos que se seguiram à conclusão do curso em electromecânica, Amiro Faria cumpriu o serviço militar em Angola, viveu em Moçambique, antes de regressar, definitivamente, para Cabo Verde. Actualmente, reformado na cidade do Mindelo, ajudou a montar e a dirigir a Feira Internacional de Cabo Verde (FIC) por vários anos.

Quanto a Luís Fonseca, ele não chegou a frequentar qualquer curso nos anos seguintes à conclusão do liceu, tanto é que se refere a si próprio como um autodidacta. Depois da independência, entre outras funções, foi dirigente político e diplomata, concluindo a vida pública como secretário-executivo da CPLP, Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa, entre 2004 e 2008.



Estudantes do "Gil Eanes", 1957-58...

Odete Carvalho, de Moçambique para Cabo Verde

» Professora primeiro no Mindelo e, anos depois, na Praia, Odete Carvalho, 76 anos, começou a trabalhar no Liceu Gil Eanes, em 1968, vinda de Portugal. Quadros recém-formados, ela e o marido, Tito Ramos, decidem viver em Cabo Verde, ele como engenheiro civil e ela como professora liceal, em filologia românica.

José Vicente Lopes

“Quando, em Portugal, eu dizia aos meus colegas que viria trabalhar em Cabo Verde, eles respondiam-me ‘coitadinha’. A ideia que se tinha de Cabo Verde é que era um lugar muito pobre, seco, sem grandes perspectivas de vida futura. Afinal, muitos dos quadros cabo-verdianos, ao se formarem, procuravam colocar-se noutras províncias do então Ultramar português com muito mais possibilidades de singrar na carreira. Portanto, a nossa vinda para Cabo Verde surgia em contracorrente ao pensamento da época”.

O início, recorda também, não foi nada fácil. “O que mais me custou, vinda de Portugal e sendo moçambicana, era a falta de água, a secura. Tive de aprender a fazer milagres com a pouca água que se tinha, embora já houvesse a dessalinização da JAIDA. A falta de verdes era outra coisa gritante”.

Tirando esse tipo de dificuldade, prossegue, “fui muito bem acolhida no liceu. Os alunos eram empenhados e dedicados, os colegas, tanto cabo-verdianos como portugueses, também; de um modo geral, o ambiente era saudável. De tal modo que gosto muito desse meu período profissional”.

Vinda de Moçambique e de Portugal, um outro elemento

que impressionou, particularmente, Odete Carvalho foi a variedade de tipos humanos que encontrou nas salas de aulas. “Em Moçambique, quando entrei para o liceu na então Lourenço Marques, hoje Maputo, ida de Inhambane, eu era a única ‘colorida’ (mestiça), havia o Pascoal Mocumbi, o Joaquim Chissano [respectivamente, primeiro-ministro e presidente da república depois da independência], e poucos mais, num mar de alunos brancos. O liceu de Lourenço Marques, que tinha a fama de ser o melhor do império português, por causa das suas instalações (basta dizer que tinha piscina coberta), não era para os nativos de Moçambique. Vou para Portugal estudar em 1961, faço o curso em cinco anos e trabalho dois anos antes de vir para Cabo Verde. Por conseguinte, eu nunca tinha estado num meio étnico como o que encontro aqui, com salas de aulas muito heterogêneas, quer do ponto de vista social, quer étnico. A paisagem humana cabo-verdiana, no liceu em concreto, era para um mim uma novidade autêntica”.

Entre os seus primeiros alunos, Odete Carvalho recorda-se de Aristides Lima, Rui Figueiredo Soares, Humberto Cardoso, Tetê Alinho, Carla Marques, Helena Sato (poetisa cabo-verdiana, hoje no Brasil)... E entre os colegas professores, João Quirino Spencer e a mulher, Maria José, Augusto Costa, José



Augusto Pinto, Baltasar Lopes da Silva, todos cabo-verdianos, e entre os portugueses a Odete Machado... “Havia professoras, esposas de militares, e mesmo com elas o relacionamento era bom. Havia também uma senhora estrangeira, já não sei se inglesa ou americana, chamada Norma, que dava aulas de inglês. Também dava-me muito bem com ela”.

Mudanças

Além de São Vicente, Odete Carvalho trabalharia, mais tarde, na cidade da Praia. Primeiro de 1971 a 1975 e depois, definitivamente, a partir de 1978, onde vem a terminar a carreira de docente, no Liceu Domingos Ramos, altura em que passa a trabalhar como quadro técnico do Ministério da Educação.

Ou seja, vive o período de mudanças ditadas pela independência nacional e pôde acompanhar de perto as transformações por que passa o sistema de ensino cabo-verdiano. “No princípio, houve alguma desorientação, o ensino abriu-se, mas faltavam escolas e professores, e nisso foi preciso improvisar manuais, livros, etc.; o trabalho era muito e intenso, o que era compensado pela grande vontade de fazer, a ideia de que estávamos, todos, a contribuir para o nas-

cimento da nova sociedade, mais justa, mais equilibrada”.

Nisso, esta entrevistada aponta os “cursos de reciclagem” com vista a adequar o ensino aos novos tempos, de país independente. “Lembro-me que ainda no período da transição, era o Manuel Faustino o ministro da Educação, chegámos a trabalhar com o apoio técnico e financeiro da UNESCO, esteve cá um consultor, o Arlindo Steffani, que se revelou bastante útil. Os cursos realizaram-se na Praia e no Mindelo”.

Seguindo a orientação do tal consultor italiano, a ideia era procurar um ensino “enraizado localmente”. “Ele sublinhava que era importante falar com as pessoas, ver e saber o que elas queriam, isto é, ir à realidade”. Esse era, acrescenta, “um ensino muito prático”, que passava por chamar os pais e os encarregados de educação, “coisas que hoje se dizem como sendo normais, mas que naquela altura eram uma grande novidade”.

Hoje, com escolas secundárias por todas as ilhas e concelhos, Odete Carvalho entende que o quadro geral é outro, bem diferente do tempo em que foi docente. “Não é querer ser saudosista, porque não sou do tipo de dizer que no passado é que era bom, mas salta à vista a degradação que o ensino foi tendo ao

longo dos anos, infelizmente é algo que não há como negar. Como se costuma dizer, é o preço da massificação”.

Mesmo assim, esta entrevistada entende também que o cabo-verdiano continua a valorizar o ensino. “As pessoas sacrificam-se, sabem que a escola é a escada, a via, que permite a sua ascensão social. Em Moçambique, o acesso à escola é um fenómeno recente, pós-independência. No período colonial, um preto ter a quarta classe já era coisa rara, a escolarização era baixíssima. Aqui não. Já antes da independência era possível ver, numa mesma família, com seis, sete ou até oito elementos, todos na escola, com professores cabo-verdianos. Isto no Moçambique colonial era impensável”.

Arremesso

Hoje, com uma vasta rede escolar pelo país, com universidades em Santiago, em São Vicente e com sinais de se expandir aos outros cantos do país, Odete Carvalho entende que a educação não devia ser arma de arremesso político de nenhum partido, “o importante é haver continuidade”, isto porque “as coisas na educação não acontecem de um ano para o outro”. “Infelizmente, não é o que temos estado a assistir”, lamenta. ☺

Jason Fortes

O ano de 2017 figura-se como especial para o actual Liceu Ludgero Lima. Em Abril, a instituição comemorou as bodas de ouro, enquanto "Liceu Novo", como foi durante muitos anos conhecido pelos habitantes de São Vicente. Entretanto, agora em Novembro, comemora-se o centenário da criação do Liceu Nacional de Cabo Verde, do qual o Liceu Ludgero Lima (LLL) descende em linha directa.

Para o ano lectivo 2017/18, o estabelecimento conta com aproximadamente 1480 alunos, distribuídos por 46 turmas e 24 salas. Possui um quadro constituído por 96 professores e 17 funcionários do pessoal auxiliar e administrativo.

Desde 2012, a direcção do LLL é assegurada por José Cândido. A experiência de estar à frente do liceu que é herdeiro directo do mais antigo liceu de Cabo Verde, é muito gratificante, como diz ao A NAÇÃO. Tem sido uma experiência muito interessante e positiva e temos dado o nosso melhor todos os dias. Progredimos em função das orientações que nos são lançadas", diz.

Centenário

Os 100 anos do Liceu têm uma importância transcendente para este responsável, tendo em conta a abertura ao mundo inteiro que a instalação do estabelecimento proporcionou na altura.

"Digamos que possibilitou



JOSÉ CÂNDIDO, DIRECTOR DO LICEU LUDGERO LIMA

Os desafios continuam

» Há cerca de cinco anos à frente do Liceu Ludgero Lima, herdeiro do Liceu Infante D. Henrique e do Gil Eanes, José Cândido considera que a instalação do primeiro estabelecimento de ensino secundário em Cabo Verde em 1917, permitiu a abertura dos jovens cabo-verdianos ao mundo. Cem anos depois, os desafios continuam.

a que jovens pudessem ingressar no ensino liceal, contribuindo para a formação de grandes quadros nacionais, que desempenham ou desempenham cargos de destaque, contribuindo para o progresso do nosso país", salienta.

Tido actualmente como uma referência não só em São Vicente, como em Cabo Verde, o LLL deve parte desse legado ao estatuto de "pioneiro", segundo conta José

Cândido. "Foi uma das primeiras instituições de ensino de Cabo Verde e, na altura, todos os alunos que quisessem ingressar no secundário tinham que se deslocar a São Vicente ou, mais tarde, à cidade da Praia, para o, hoje, liceu Domingos Ramos".

Desafios suplantados

A satisfação das expectativas e necessidades dos alunos, pais e encarregados

de educação, tem sido uma constante na garantia de um melhor aprendizado. À semelhança de outros liceus do país, o LLL tem-se adaptado às inovações e aos desafios dos novos planos curriculares introduzidos pelo ME. "Com a ascensão das novas tecnologias, temos feito um grande esforço para dotar o liceu dos equipamentos necessários a fim de estar em pé de igualdade com outras escolas mais recentes", afir-

ma este responsável.

No domínio das infra-estruturas, entre 2013 e 2014 foram construídos uma pista de atletismo e um tanque de salto em cumprimento, como forma de dinamizar, ainda mais, as aulas de educação física. Estas eram modalidades que a instituição de ensino ainda não possuía e representam agora uma mais-valia, tanto para os professores, como para os alunos e para os atletas em São Vicente.

"A pista de atletismo não tem a dimensão regular mas para iniciação é muito boa e os professores têm tirado um grande proveito dela. O tanque de salto também oferece condições para que os alunos comecem a ter as primeiras noções do salto em cumprimento. Podemos dizer que têm respondido às expectativas dos alunos e dos professores", argumenta.

Já este ano, um acontecimento inédito, envolvendo professores e alunos do LLL, encheu de orgulho toda a comunidade educativa desta instituição. Trata-se da participação de Cabo Verde no concurso internacional de robótica, cujos representantes nacionais partiram do estabelecimento

Ciente da sua genealogia, o Liceu Ludgero Lima procura, pois, continuar a estar na linha da frente dos estabelecimentos de ensino secundário de Cabo Verde. De mais a mais, cabe-lhe preservar o princípio de excelência que, no passado, chegou a caracterizar aquele que foi, por mais de quarenta anos, a única escola secundária de Cabo Verde. ☺

José Cândido, de aluno a director

José Cândido, 51 anos, é natural de Santo Antão. Fez os estudos liceais no Liceu Ludgero Lima, entre 1981 e 1985. De 1986 a 1987 trabalhou na Conservatória de Registos e Notariado de Santo Antão.

Mas, porque a sua vocação maior sempre foi dar aulas, pediu a desvinculação para abraçar o ensino como professor de matemática. Em 1991, foi transferido para São Vicente.

" vim para São Vicente para

trabalhar na Escola Secundária Jorge Barbosa e, para o meu espanto, quando cheguei, fiquei desempregado porque não havia vagas. Só depois é que vim a conseguir vaga na área de Ciências Naturais, uma disciplina na qual eu tinha as melhores notas no sétimo ano", recorda José Cândido.

Mais tarde, o agora director do Ludgero Lima viria a seguir o curso de bacharelato em fi-

sico-química, no Instituto Superior de Educação, na Praia. Seguiram-se passagens, como professor, pelas escolas secundárias Suzete Delgado (Santo Antão), Jorge Barbosa e José Augusto Pinto (São Vicente). Foi, posteriormente, delegado de Educação em Santo Antão até ser "desafiado" pelo Ministério da Educação para assumir a direcção do Ludgero Lima.

José Cândido aceitou o de-

safio que hoje vê como uma experiência extraordinária. "As dificuldades encontradas, pouco a pouco, estão a ser superadas e posso dizer que o liceu está num patamar superior".

Uma das prioridades de José Cândido, quando assumiu o leme do Ludgero Lima, foi a modernização dos equipamentos informáticos que já estavam ultrapassados. "Encontrei um liceu onde ainda se usava disquetes, quando ou-

tros liceus, como o Jorge Barbosa, já davam passos significativos no que tange às novas tecnologias. Ainda não tinha um ano aqui e já tínhamos todas as salas de informática modernizadas", conclui. A modernização é, pois, para o director do LLL, o caminho a seguir para que o mais antigo liceu de Cabo Verde continue a dar cartas, hoje, num quadro de sã "concorrência" com outras escolas secundárias.

FIGURAS E NOMES

Galeria

» Ao longo dos seus cem anos de existência são inúmeras as individualidades, sobretudo professores, que deixaram, para sempre, a sua marca indelével na história do ensino secundário em Cabo Verde. Na impossibilidade de os evocar todos, elegemos estes três. Augusto Vera-Cruz, Adriano Duarte Silva e Baltasar Lopes, pelos seus exemplos, integram seguramente a galeria do mais antigo liceu de Cabo Verde.

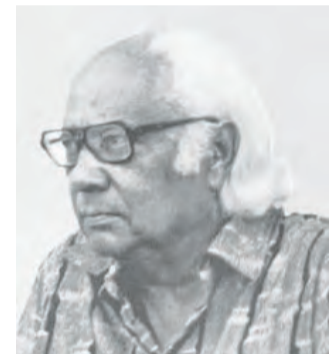


Adriano Duarte Silva (S. Vicente, 1898-1961), formado em direito, foi o primeiro reitor cabo-verdiano, ainda no tempo do Liceu Infante D. Henrique, onde foi também professor. Apesar de deputado durante o Estado Novo, por Cabo Verde, encabeçou o movimento cívico contra o encerramento do liceu de Cabo Verde, movendo-se em Lisboa contra essa decisão. E assim nasceu o Liceu Gil Eanes, continuação do Infante D. Henrique.



Augusto Vera-Cruz (Sal, 1862 – 1933), ao disponibilizar a sua residência particular para nela se instalar o Liceu Nacional de Cabo Verde, acabou por viabilizar a sua instalação em São Vicente e em Cabo Verde. Apesar disso, estranhamente, nenhuma instituição de ensino ostenta o nome dele. Talvez seja tempo de o Estado cabo-verdiano reparar tamanha injustiça.

Baltasar Lopes da Silva (1907-1989), professor e reitor do Liceu Gil Eanes em 1964 é tido como uma das figuras mais marcantes desse estabelecimento de ensino. Formado em direito e filologia, como professor e escritor, membro fundador da revista *Claridade*, o seu nome ainda hoje aparece como um dos mais importantes intelectuais de Cabo Verde. Oficialmente, ministrou a sua última aula em 1972.



Vários nomes para um mesmo liceu

Aqui, onde hoje é o Centro Nacional de Artesanato e Design, ao tempo residência do Senador Augusto Vera-Cruz, funcionou a primeira escola secundária deste arquipélago, o Liceu Nacional de Cabo Verde, de 1917 a 1920, altura em que muda para o antigo quartel militar situado atrás do Palácio do Governador, por muito tempo conhecido como Liceu Velho. Em 1926,

esse mesmo estabelecimento passa a chamar-se Liceu Central Infante D. Henrique; em 1937, após uma tentativa para o seu encerramento, passa a chamar-se Liceu Gil Eanes, cujas instalações mudam, uma vez mais, em 1967, desta vez para uma construção de raiz, situada na zona do Monte Sossego, e que, por isso, passa a ser designado popularmente como "Liceu Novo". E por fim, a partir de 1975, passa a chamar-se Liceu Ludgero Lima.



PROGRAMA DO COLÓQUIO "O LICEU EM S. VICENTE, FAROL DO FUTURO (1917-2017)"

17 E 18 DE NOVEMBRO DE 2017

CENTRO CULTURAL DO MINDELO, S. VICENTE

Dia 17 de novembro de 2017
(sexta-feira)

16h00 – O Liceu de S. Vicente: Quatro Identidades, a Vontade da Cidadania, uma Conquista Persistente e Perdurável – Maria Adriana Sousa Carvalho

16h40 – Revisitando a Trajetória Social dos Finalistas do Liceu Nacional de Cabo Verde

(1930/1950) – Crisanto Barros
17h10 – Debate

Dia 18 de novembro de 2017
(sábado)

Manhã

PAINEL I -Continuação

Moderadora: Rosa Santiago

09h00– O Boletim dos Alunos do Liceu Gil Eanes e a afirmação da cabo-verdianidade – Manuel Brito-Semedo

09h40 **PAINEL II**

Moderador: José Vicente Lopes

10h10 A Representação do Liceu em Chiquinho e O Capitão de Mar e Terra – Ana Cordeiro

10h45 – Pausa-café

11h00 – Mulheres no Século

XX – Germano Almeida

11h30 – As luzes do Mindelo

– Aristides Lima

12h00 – Debate

12h30 - Pausa para almoço

Tarde -

17h30 – **SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO**

17h40 – Recortes de Memó-

ria – Antigos Alunos, Professores e Funcionários

17h50 – Apresentação das conclusões do Colóquio – Margarida Santos

18h20 – Conferência Magistral de Sua Excelência a Ministra da Educação e declaração do encerramento do Colóquio.